

Zaratustra, um intrépido? Sobre a ideia de coragem em Nietzsche

Zarathustra, an intrepid one? On the idea of courage in Nietzsche's thinking

Leonardo Araújo Oliveira

Professor de Filosofia da UESB
leovash5@gmail.com

Resumo: O presente artigo visa investigar a noção de coragem em Nietzsche, com foco na obra *Assim falou Zaratustra*, buscando compreender tal ideia em meio à arquitetura conceitual pertencente ao pensamento nietzschiano e ao estilo empregado nessa obra, no interior tanto dos momentos negativos, no que diz respeito à destruição de tábuas de valores da moral ocidental de modo geral, quanto de suas intenções positivas: o clamor por novas proposições valorativas.

Palavras-chave: Coragem; Virtude; Afeto; Vida; Nietzsche; Zaratustra.

Abstract: *This article aims to investigate the notion of courage in Nietzsche, focusing on the work Thus spoke Zarathustra, seeking to understand such an idea amid the conceptual architecture belonging to Nietzschean thought and the style employed in this work, within both negative moments, as regards respect to the destruction of Western moral values tables, as well as to their positive intentions: the clamor for new value propositions.*

Keywords: *Courage; Virtue; Emotion; Life; Nietzsche; Zarathustra.*

Introdução

Em *Além do bem e do mal*, Nietzsche propõe, como caminho para criação de valores nobres, quatro virtudes das quais é preciso se tornar senhor: “coragem, perspicácia, simpatia, solidão” (NIETZSCHE, 2005, p. 173). Nesse artigo trabalharemos com a primeira, enquanto uma noção que pode ser pensada tanto como um afeto quanto como uma virtude. É interessante situá-la, portanto, na análise de Nietzsche, declarada no *Zaratustra*, de que as virtudes brotam das paixões humanas (Cf. NIETZSCHE, 2011, p. 37).

Ideia pouco explorada por comentadores, a coragem aparece como elemento fundamental de *Assim falou Zaratustra*, dentro tanto dos procedimentos negativos de Nietzsche, no que diz respeito à destruição de tábuas de valores e da execução da avaliação crítica da moral ocidental de modo geral, quanto de suas intenções positivas, no que tange a novas proposições valorativas, sobretudo uma ética da afirmação

integral da vida. Para tanto, analisaremos o percurso de *Zaratustra*, mapeando a ideia de coragem nos encontros da personagem com outras figuras, personagens e ideias como o risco, os guerreiros, as forças, o medo, a vontade de poder, o eterno retorno e a própria vida.

Investigaremos os trechos em que o conceito aparece, buscando uma compreensão elaborada do tema no interior da filosofia de Nietzsche, isto é, compreendendo a ideia de coragem em meio à arquitetura conceitual pertencente ao pensamento nietzschiano e à tessitura do *Zaratustra*, atentando para o fato de que a mobilidade de entes abstratos (conceitos, ideias, teses) efetuada pelo filósofo alemão se radicaliza nessa obra, uma vez que possui uma intenção claramente artístico-dramática do ponto de vista de sua escrita¹.

Dos caminhos e da rigidez

O termo “coragem” (*Muth*²) aparece em doze capítulos do *Zaratustra*. Na primeira parte, pode ser localizada nas seções *Do ler e escrever*, *Da guerra e dos guerreiros* e *Do caminho do criador*. Enquanto o termo está ausente no segundo livro, ele aparece em cinco seções do terceiro: *O andarilho*, *Da visão e do enigma*, *Dos apóstatas*, *O regresso*, *Das velhas e novas tábuas*. Na quarta parte *Muth* ocorre em *A saudação*, *Do homem superior*, *Da ciência*, *Entre as filhas do deserto*. Mas a coragem se apresenta em todo o livro, mesmo quando não se explicita, pois está relacionada fortemente com o tema seminal da afirmação da vida. Como diz Paul Tillich, em seu *The courage to be*:

A vida tem aspectos vários, é ambígua. [...] Coragem é a potência da vida em se afirmar a despeito desta ambiguidade, enquanto que a negação da vida, devido a sua negatividade, é uma expressão de covardia. Sobre estas bases Nietzsche desenvolve uma profecia e filosofia de coragem, em oposição à mediocridade e decadência da vida no período cujo início ele mesmo observou. (TILLICH, 1992, p. 24)

Logo no prólogo de *Assim falou Zaratustra* aparece o tema da coragem. Quando Zaratustra encontra o equilibrista após sua queda, ele escuta desse último o desprezo de si próprio e de sua vida, após Zaratustra lhe negar a efetividade da transcendência, afirmando a ausência do além-mundo. Zaratustra então responde ao equilibrista, valorizando-o pelo fato de ter feito do perigo o seu ofício. Ora, procurar viver no perigo não é cultivar a coragem? Ao longo da obra há elogios da altura e sobretudo da ideia de grandeza. Colocar-se em posições elevadas envolve o enfrentamento de situações de risco, por isso é feita a descrição elogiosa da tarefa do equilibrista. Em *Do ler e escrever*, a coragem aparece exatamente em um contexto em que Zaratustra fala sobre o perigo de estar e passar pelos cumes:

1 Comentadores têm salientado as dificuldades em formar leituras unitárias dessa obra e de sua personagem principal. Segundo Claus Zittel (2000), *Assim falou Zaratustra possui estrutura dinâmica, móvel e complexa o bastante para não se encontrar uma definição fechada de seu gênero literário, dentre as várias possibilidades como o romance (de formação), o poema (didático) e o teatro (trágico)*. Outro cuidado diz respeito diretamente ao personagem Zaratustra, que aos olhos de Roberto Machado (2011, p. 113): “não é um personagem idêntico em todo o livro. Passa por várias metamorfoses, sofre um processo de aprendizado, vive a experiência de muitos caminhos”.

2 O termo atual é grafado como “Mut”, enquanto “Muth” é uma versão arcaica, usada na época de Nietzsche. Mencionamos esse último conforme a edição Colli-Montinari.

Nas montanhas, o mais curto caminho é aquele entre um cume e outro: mas para isso tens de ter pernas cumpridas. Máximas devem ser cumes: e aqueles a quem são ditas devem ser grandes e altos.

O ar fino e puro, o perigo próximo e o espírito pleno de alegre maldade: essas coisas combinam.

Quero ter duendes a meu redor, pois tenho coragem. A coragem que espanta os fantasmas cria seus próprios duendes – a coragem quer rir.

Já não sinto como vós: essa nuvem que vejo abaixo de mim, essa coisa negra e pesada da qual eu rio – justamente isso é vossa nuvem de tempestade.

Olhais para cima quando buskais a elevação. Eu olho para baixo, porque estou elevado. Quem, entre vós, pode ao mesmo tempo rir e sentir-se elevado? (NIETZSCHE, 2011, pp. 40-41)

Rir mesmo daquilo que é pesado. Essa é também uma estratégia de combate: “não com a ira, mas com o riso é que se mata” (NIETZSCHE, 2011, p. 41). Lembremos das caricaturas que Nietzsche faz de seus opositores³. O riso, manifestação de alegria, aparece no *Zaratustra* como sinalização da afirmação da vida. Rir faz com que o pesado se torne leve: “Agora sou leve, agora voou, agora me vejo abaixo de mim, agora dança um deus através de mim” (NIETZSCHE, 2011, p. 41). Essa transformação é fundamental na obra. O eterno retorno é o mais pesado dos pesos para aquele que não suporta a vida, como o personagem do espírito de gravidade. O peso atrapalha a agilidade do corpo, portanto, dificulta o exercício da grande razão (*grosse Vernunft*) – conceito alargado de subjetividade, expandido ao corpo, proposto por Nietzsche como oposição ao conceito moderno de subjetividade, muito ligado à ideia de eu/mente/espírito⁴. Com leveza, pode-se fazer o pensamento dançar. Por isso em oposição a seu “diabo”, ao espírito de peso, que é “sério” e “solene”, Zaratustra declara que “acreditaria somente num deus que soubesse dançar” (NIETZSCHE, 2011, p. 41), uma vez que é seu “alfa e ômega que tudo pesado se torne leve” bem como “todo corpo, dançarino” (NIETZSCHE, 2011, p. 221).

Em *Da visão e enigma* a coragem também se concilia com a alegria: “o homem, porém, é o animal mais corajoso: assim superou qualquer animal. Com fanfarra também superou qualquer dor” (NIETZSCHE, 2011, p. 149). É por essa perspectiva que a coragem toma como inimiga a compaixão. Como qualquer afeto, a compaixão advém de um complexo de forças em ação no corpo. Mas nesse caso trata-se de um afeto que se volta contra a própria potência de expansão do corpo, em consequência de que a ação compassiva multiplica o sofrimento, não o sofrimento a ser superado, mas o sofrimento interiorizado no corpo. Ela faz a tristeza passar de um Si-mesmo a outro, enfraquecendo o desejo. Assim tem-se a valorização schopenhaueriana da compaixão, já que ela contribui, nos seus termos, para a diminuição da vontade de vida. Por isso Zaratustra busca esconder a compaixão e recomenda o mesmo a seus amigos. Há uma preocupação social nessa atitude, uma vez que laços sociais feitos com base na

3 Kant é chamado de “idiota” e de “chinês de Königsberg” (NIETZSCHE, 1999, p. 117). Descartes é um “homem gato” [*Katze Mensch*] (NIETZSCHE [KSA 12], 1988, p. 29). Rousseau é a “tarântula-moral” [*Moral-Tarantel*] (NIETZSCHE [KSA 3], 1988, p. 14). Tem-se o que Rosana Suarez denomina de “crítica irreverente à filosofia” (SUAREZ, 2007, p. 9). Aparece aqui o típico efeito humorístico decorrente de alguma ridicularização. Trata-se, portanto, de um processo que envolve elementos como ofensa e rebaixamento – podendo ser utilizados como armas em um combate retórico.

4 O corpo é o que determina o eu: “Eu, dizes tu, e tens orgulho dessa palavra. A coisa maior, porém, em que não queres crer – é teu corpo e sua grande razão: essa não diz Eu, mas faz Eu” (NIETZSCHE, 2011, p. 35).

tristeza fomentam uma cultura da negação da vida. Desse modo, o contraponto de Zaratustra só poderia ser com a proliferação da alegria:

Em verdade, fiz isso e aquilo pelos que sofrem: mas pareceu-me sempre fazer melhor ao aprender a me alegrar melhor.
Desde que existem homens, o homem se alegrou muito pouco: apenas isso, meus irmãos, é nosso pecado original!
Se aprendemos a nos alegrar melhor, melhor desaprendemos de causar dor nos outros e planejar dores (NIETZSCHE, 2011, p. 84).

Em *Da guerra e dos guerreiros*, Zaratustra propõe a coragem como resposta à compaixão como sentimento que deve ser elevado à condição de virtude em uma nova valoração: “Não a vossa compaixão, mas a vossa bravura salvou até agora os desventurados” (NIETZSCHE, 2011, p. 47); pois como dito em *Da visão e do enigma*, a compaixão, embora seja “o abismo mais profundo”, não tem força suficiente contra a coragem: “a coragem é o melhor matador: coragem também mata a compaixão” (NIETZSCHE, 2011, p. 149). Na seção *Do amigo*, recomenda-se a dureza como preferência à compaixão: “que a compaixão pelo amigo se esconda sob uma dura casca, e que percas um dente ao mordê-la. Assim ela terá delicadeza e doçura” (NIETZSCHE, 2011, p. 56). Por isso Zaratustra recomenda que a melhor maneira de ser “compassivo” para com o próximo, a melhor maneira de agradá-lo, pode ser a de antes saber que ele não deseja a compaixão: “que a tua compaixão seja um adivinhar: para que saibas, primeiro, se o teu amigo quer compaixão. Talvez ele ame em ti o olhar constante e a visão da eternidade” (NIETZSCHE, 2011, p. 56). Mas se o amigo sofre, não por isso há de lhe ser negado ajuda, mas esse auxílio não precisa ser entorpecente, contribuinte do amolecimento, como um programa de partilha da tristeza: “se tens um amigo que sofre, sê um local de repouso para seu sofrimento, mas como um leito duro, um leito de campanha: assim lhe serás mais útil” (NIETZSCHE, 2011, pp. 85-86).

Festejando, a coragem é “o melhor matador”, matando a “compaixão”, “a vertigem ante os abismos” e “todo desânimo”. A coragem é tão forte e vital que “mata até mesmo a morte, pois diz”, com “muita fanfarra”: “isso era a vida? muito bem! mais uma vez!” (NIETZSCHE, 2011, pp. 149-151, grifo do autor). Querer que a vida revenha é a fórmula de afirmação do eterno retorno, em que a questão do peso e da leveza é central. É essa questão que instaura a diferença entre Zaratustra e o anão. O fato de que o anão assuma a circularidade do tempo não é testemunho de que Zaratustra pense o contrário. Na verdade, é Zaratustra quem primeiro diz que as duas ruas da eternidade se encontram no portal que ele denomina de “Instante”, e após o gnomo admitir que a passagem do tempo é circular, Zaratustra prossegue com sua divagação em torno do retorno eterno de todas as coisas. Tanto Zaratustra quanto o espírito de peso admitem a circularidade do tempo, mas o que os diferencia é que para o anão o pensamento do eterno retorno é o mais pesado dos pesos, pois sua constituição é própria do cansaço da vida e da decadência fisiológica, enquanto que Zaratustra busca a leveza do eterno retorno, encarando-o como jogo existencial e modo de contemplação e constituição da vida enquanto obra de arte. Embora nesse momento preciso da trama Zaratustra não consiga efetivar esse experimento – sucumbindo ao pensamento abismal e dormindo, doente, por vários dias, para então acordar e se animar com seus animais,

que o convencem de que ele é o mestre do eterno retorno – ele é simbolizado pela visão do pastor que supera a serpente e ri de modo transformador.

No capítulo anterior ao do encontro com o espírito de peso, Zaratustra reconhece que enfrentará sua caminhada mais árdua. Junto a essa constatação, retornam as figuras do cume e do abismo, juntas à ideia de grandeza e ao afeto da coragem, que mobiliza Zaratustra a seguir seu caminho arriscado, mas é precisamente o perigo uma característica fundamental no percurso existencial dos modos de vida nobres:

E ainda uma coisa eu sei: agora me acho diante de meu último cume, e daquele que mais longamente me foi poupado. Ah, devo encetar meu caminho mais duro! Ah, comecei minha mais solitária caminhada!

Mas quem é de meu feitio não foge a esta hora: aquela que lhe diz: Agora segues o teu caminho de grandeza! Cume e abismo – juntaram-se agora num só!

Segues teu caminho de grandeza: tornou-se teu último refúgio o que até então era teu último perigo!

Segues teu caminho de grandeza; essa deve ser agora tua maior coragem: que não haja mais nenhum caminho atrás de ti! (NIETZSCHE, 2011, p. 145)

O discurso segue com um elogio da dureza, em que é exigido de Zaratustra que o que há de suave nele torne-se rígido. Exige-se dureza para quem pretende escalar montanhas. A rigidez é louvada e acompanhada de uma crítica ao modo de vida que não ultrapassa a autoconservação: “Quem sempre se poupou muito, termina por adoecer do seu muito poupar-se. Louvado seja o que endurece” (NIETZSCHE, 2011, p. 146). Mais à frente, ainda no terceiro livro, Zaratustra retoma esse tipo de elogio, com a postura crítica de reconhecimento da necessidade de destruição e com a atitude afirmativa de postular uma indicação para a criação, com o fito de evidenciar como a dureza é nobilitadora:

“Por que tão duro?” – falou certa vez ao diamante o carvão de cozinha; “não somos parentes próximos?” –

Por que tão moles? Ó meus irmãos, assim vos pergunto eu: pois não sois meus – irmãos?

Por que tão moles, tão amolecidos e condescendentes? Por que há tanta negação, abnegação em vossos corações? Tão pouco destino em vosso olhar?

E, se a vossa dureza não quer cintilar, cortar e retalhar: como podereis um dia comigo – criar?

Pois os que criam são duros. E terá de vos parecer bem-aventurança imprimir vossa mão nos milênios como se fossem cera, –

– Bem-aventurança escrever na vontade de milênios como se fossem bronze
– Mais duros que bronze, mais nobres que bronze. Apenas o mais nobre é perfeitamente duro.

– Esta nova tábua, ó meus irmãos, ponho acima de vós: tornai-vos duros!
(NIETZSCHE, 2011, p. 205)

A dureza elogiada por Nietzsche não se enquadra ao âmbito do grotesco, se configura, pelo contrário, ao plano da beleza de uma pedra preciosa. Ela também não pode se identificar à rigidez dos sistemas filosóficos denominados por ele de dogmáticos, na medida em que é uma dureza que combina com a leveza. Não poderia ser, assim, uma “dureza de cintura”, que impede a dança. Essa dureza de Zaratustra pode ser melhor pensada como a tonificação muscular, alcançada com exercícios e

potencializada para e pelas árduas escaladas. Trata-se da dureza que não impede a flexibilidade. Desse modo, essa postura é tanto a da afirmação da existência quanto a da crítica a tudo que nega a vida.

A tarefa é dura e exige dureza, uma vez que, enquanto a coragem afirmadora é rara como uma espécie de diamante, a negação da vida é abundante na cultura e na filosofia: “Ah! Sempre são poucos aqueles cujo coração mantém a coragem e a exuberância, e neles também o espírito permanece paciente. Mas o resto é *covarde*”. Assim, uma vez que “o resto: é a grande maioria, a banalidade, a profusão, os muitos e demais” (NIETZSCHE, 2011, p. 171). Daí que Zaratustra elogie a figura do guerreiro, pois para afirmar a vida nessas condições é preciso estar preparado como um combatente para uma guerra. Mas o contexto da guerra não se limita ao plano moral. Para Nietzsche, a ideia de luta se apresenta na constituição da realidade, do nível macro ao micro e vice-versa.

Das forças e guerras

O *cosmos* não se compõe de essências fixas, mas de um devir absoluto, composto por forças que atuam sobre si mesmas de modo ininterrupto e incalculável. No fundo, o que existem são forças em relação; e não existe força separada da relação, só existem relações de forças e as forças só existem em relação e em movimento. Não se pode conceber a ‘força em si’, pois as forças são sempre interdependentes, por um lado, e estão sempre em movimento, em fluxo contínuo de diferenciação, por outro.

As relações de forças nunca são pacíficas, equilibradas, sempre se dão no nível do domínio e da subordinação. É na articulação hierárquica que se dá, a partir do conflito de forças, a produção do efeito de unidade. Nisso consiste a vontade de poder. As forças são as “vontades de poder”. Assim, se a vontade de poder se explica num âmbito em que as forças sempre se relacionam e nunca existem separadamente, isto é, não existem como unidade, não possuem substância em si mesmas, a vontade de poder se dá no âmbito da multiplicidade. As forças são menos coisas do que movimentos. O mundo, enquanto povoado e movido por forças ao invés de átomos, é um constante processo. Assim, Nietzsche concebe a vontade de poder enquanto relação de *quantas* de força, ela é apreendida como efeito (Cf. NIETZSCHE [KSA 12], 1988, p. 143; [KSA13], pp. 257-258).

O universo consiste em forças atuando umas sobre as outras, e não poderia ser diferente, pois a efetivação incessante faz parte da natureza dinâmica das forças. A realidade constituída de forças pode ser definida como constante vir-a-ser. Esse mundo do devir, na medida em que dilui toda fixidez, dissolve também a ideia platônica de essência fixa e imutável, residente ao fundo de toda transformação, sustentando-a e fundamentando-a.

O conflito das forças se expressa no âmbito biológico. A vida é compreendida como expressão da vontade de poder. Nesse âmbito de luta, dominação e servidão, Zaratustra conclui que a vida é superação de si. Essa afirmação indica que a vida é muito mais do que conservação de si. A vontade de poder é um conceito que faz da vida contínua expansão de si própria. Cada impulso é vontade de poder, exercício de domínio, aumento e extensão de potência, tendência a romper com aquilo que lhe resiste: “Pois não tem

de existir aquilo *sobre* o qual se dance e se ultrapasse dançando? Não têm de existir, em prol dos leves, levíssimos, toupeiras e pesados anões?" (NIETZSCHE, 2011, p. 188, grifo do autor). Zaratustra valoriza e agradece seus inimigos devido ao fato de que a existência de opositores permite a descarga de forças: "A lança que arremesso contra meus inimigos! Como agradeço a meus inimigos poder enfim arremessá-la!" (NIETZSCHE, 2011, p. 80). Assim também se posiciona Nietzsche em um de seus discursos contra o cristianismo, concebendo, no *Crepúsculo dos Ídolos*, a "espiritualização da inimizade" como um triunfo anti-cristão. Essa espiritualização

Consiste em compreender o valor de possuir inimigos: numa palavra, em agir e concluir de modo inverso àquele como antes se agia e se concluía. Em todos os tempos a Igreja quis a destruição de seus inimigos: nós, imoralistas e anticristos, vemos como vantagem nossa o fato de a Igreja subsistir. (NIETZSCHE, 2008, pp. 34-35)

Eis um exemplo da valorização positiva realizada por Nietzsche ao apreço pelos inimigos, ao cultivo dos antagonismos, ao elogio dos aspectos tensionais da existência, até o ponto de ver como favorável à sua vida a existência de um inimigo que busca seu aniquilamento, enquanto ele preserva sua satisfação diante do fato de que a postura de combate de seu adversário seja mantida, para que sua força possa ser descarregada, para que sua própria tendência guerreira seja justificada, para que seu posto de combate se torne necessário. Trata-se de uma espiritualização daquilo que ocorre na natureza: o conflito de forças sobre o qual repousa todas as configurações da vida, em que as forças não encontram descanso e só existem a partir do embate com outras forças.

Esse impulso de crescimento, de enfrentamento das resistências, de aumento de potência, de criação e, portanto, destruição, faz com que a filosofia afirmativa de Nietzsche deixe a conservação em segundo plano:

Querer preservar a si mesmo é expressão de um estado indigente, de uma limitação do verdadeiro instinto fundamental da vida, que tende à *expansão do poder* e, assim querendo, muitas vezes questiona e sacrifica a autoconservação[...]; a luta grande e pequena gira sempre em torno da preponderância, de crescimento e expansão, de poder, conforme a vontade de poder. (NIETZSCHE, 2001, pp. 217, grifos do autor)

Tomar a vida sob o viés da conservação é "lhe retirar uma noção fundamental, a de atividade" (NIETZSCHE, 2009, p. 62, grifo do autor). A vida, enquanto vontade de poder, não pode se limitar à conservação, pois estaria condenada ao movimento de reação. Por isso a moral escrava expressa degenerescência vital, uma vez que ela se dá meramente como reação à moral nobre. Ela é antes de tudo negativa: "Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um 'fora', um 'outro', um 'não-eu' - e este Não é seu ato criador" (NIETZSCHE, 2009, p. 26, grifo do autor). Seu impulso fundamental é a da negação da outra moral, da negação da vida que se manifesta pela diferença. Uma vida que tem como centro a conservação é precisamente essa vida que age em função da negação do outro, reagindo à sua presença, cultivando o medo diante das quebras de expectativas, evitando todo o risco; o inverso, portanto, de um contexto em que predomina a moral nobre, em

que se percebe “mesmo uma certa imprudência, como a valente precipitação, seja ao perigo, seja ao inimigo, ou aquela exaltada impulsividade na cólera, no amor, na veneração, gratidão, vingança, na qual se têm reconhecido os homens nobres de todos os tempos” (NIETZSCHE, 2009, p. 26, grifo do autor). A vida conservativa é somente uma forma de vida, que, para Nietzsche, não é uma definição adequada da vida em seu conjunto e nem mesmo a forma de vida mais elevada. Desse modo,

colocou-se em primeiro plano a “adaptação”, ou seja, uma atividade de segunda ordem, uma reatividade; chegou-se mesmo a definir a vida como uma adaptação interna, cada vez mais apropriada, a circunstâncias externas [...]. Mas com isto se desconhece a essência da vida, a sua *vontade de poder*; com isto não se percebe a primazia fundamental das forças espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções, forças cuja ação necessariamente precede a “adaptação”. (NIETZSCHE, 2009, p. 62, grifos do autor)

Com a insistência nietzschiana, não se trata de negar a importância vital da conservação, mas é preciso recolocá-la em seu lugar, não como causa da vida enquanto vontade de poder, mas como sua consequência. É por se expressar de modo mais próprio na expansão que a vida está sempre relacionada ao experimento. A vida comporta o perigo, e os modos de vida mais elevados, que potencializam sua expansão, estão ainda mais sujeitos ao risco. Por essa razão, Zaratustra enxerga como maior virtude do equilibrista, com quem se encontra na praça pública, precisamente o fato de que ele fazia do perigo o seu ofício.

É por valorizar o perigo e desvalorizar o medo, promover a expansão e evitar o constrangimento, que Zaratustra valoriza seus inimigos, não querendo ser poupado por eles: “Meus irmãos de guerra! Eu vos amo profundamente, fui e sou vosso igual. E sou também vosso melhor inimigo” (NIETZSCHE, 2011, p. 46). No início do segundo livro, ao suspeitar de que seus ensinamentos estão sendo distorcidos, Zaratustra decide retornar ao contato com os homens, com o amor que dedica até mesmo a seus oponentes: “Posso novamente descer para junto de meus amigos e também de meus inimigos! Zaratustra pode novamente falar e presentear e fazer o melhor para os que mais ama!” (NIETZSCHE, 2011, p. 80).

Em uma concepção de vida como vontade de poder, uma vida elevada não evita os antagonismos, ao contrário, os deseja. Nesse sentido, a paz não poderia ser pensada como um sentido último para existência, mas meramente como um meio para a guerra, um descanso em meio a inúmeras batalhas, um triunfo que, não podendo ser o final em uma existência desprovida de sentido pré-determinado, não encerra essa existência, mas sim pede por mais luta e, assim, por outros triunfos: “Não vos aconselho o trabalho, mas a luta. Não vos aconselho a paz, mas o triunfo. Vosso trabalho seja uma luta, vossa paz seja um triunfo!” (NIETZSCHE, 2011, p. 47). Sabendo escutar a vida, Zaratustra constata que a guerra é muito mais que um meio para a existência. Tal como o devir heraclítico, ela não precisa ser justificada, mas é a própria justificação: “Dizeis que a boa causa santifica até mesmo a guerra? Eu vos digo: é a boa guerra que santifica toda causa” (NIETZSCHE, 2011, p. 47).

O crescimento da potência progride de acordo com a grandeza do desafio, tornando o triunfo mais significativo em função da dificuldade das contendidas. Nietzsche associa a “reverência aos inimigos” a uma postura de nobreza, de modo que o indivíduo nobre

“reclama para si seu inimigo como uma distinção, ele não suporta inimigo que não aquele no qual nada existe a desprezar, e *muito a venerar!*” (NIETZSCHE, 2009, p. 28, grifo do autor). Assim, ao declarar seu amor aos valentes, Zaratustra assinala a importância de saber escolher seus oponentes, optando por aqueles dignos de serem combatidos e evitando os adversários sobre os quais o triunfo seria facilitado, ou seja, em que o desafio seria menor:

Eu amo os valentes: mas não basta ser espadachim – é preciso também saber *a quem* golpear!
E muitas vezes há mais valentia em se conter e passar ao largo: *a fim de* poupar-se para um inimigo mais digno!
Deveis ter apenas inimigos para serem odiados, não inimigos para desprezar: tendes de ser orgulhosos de vosso inimigo. (NIETZSCHE, 2011, p. 201, grifos do autor)

Em uma postura afirmativa, mais do que suportar a guerra, Zaratustra a deseja, como meta superior à paz, fazendo dessa um meio para aquela e não o contrário. Mesmo as “boas causas” não justificam as guerras, mas as próprias guerras que “santificam” as causas. Por uma derivação da dinâmica conflituosa das forças no nível ontológico, Nietzsche faz da luta e da disposição para o conflito objetos de valorização ética: “A guerra e a coragem fizeram mais coisas grandes do que o amor ao próximo” (NIETZSCHE, 2011, p. 47). O guerreiro é a figura oposta ao tipo conservativo que Nietzsche menciona na seção *O andarilho* já citada aqui: “Que importa viver muito tempo? Que guerreiro quer ser poupado? Eu não vos poupo, eu os amo profundamente, meus irmãos na guerra!” (NIETZSCHE, 2011, p. 48). Como diz Tillich:

em *Zaratustra*, Nietzsche considerou o “guerreiro” (que ele distingue do mero soldado), um exemplo notável de coragem. [...] Não estar interessado em longa vida, não querer ser poupado, e tudo isto justamente devido ao amor à vida. A morte do guerreiro, e do homem maduro, não será opróbrio para a terra. Auto-afirmação é a afirmação da vida e da morte que pertence à vida. (TILLICH, 1992, p. 25)

O fato de que o guerreiro não pautou sua vida sob o modelo conservativo, que não deseje “ser poupado”, faz dele um ideal de ser humano segundo a tarefa que Zaratustra deixa para a humanidade – a autossuperação: “a vida, querendo ultrapassar-se, é a boa vida, e a boa vida é a vida corajosa” (TILLICH, 1992, p. 26). O guerreiro vive sua vida e morre sua morte na medida em que supera o medo. É por não temer viver que ele não teme morrer.

Do medo e do risco

Na seção *Da ciência*, Zaratustra se opõe à ideia de que o medo é o afeto seminal do homem, pelo qual se explica tudo, defendendo, ao contrário, que o ser humano conquistou sua humanidade, tornou-se ele mesmo, ao roubar “as virtudes dos mais selvagens e mais corajosos animais”. Assim, Zaratustra pode dizer que enquanto o medo é exceção, a “coragem, aventureira, prazer no incerto, no ainda não ousado –,

coragem parece-me ser toda a pré-história do homem” (NIETZSCHE, 2011, p. 288, grifo do autor)⁵.

Dizer que a coragem se apresenta na humanidade em maior grau do que o medo parece contraditório com afirmações do *Zarathustra* destacadas aqui, que dizem respeito à raridade das posturas afirmativas e valentes em contraponto à multidão de posturas negativas e covardes. É preciso esclarecer, assim, que a ideia de que o medo é exceção em relação à coragem é feita em um contexto que envolve a proposta de uma ética naturalista. Por exemplo, Nietzsche assume a prioridade dos impulsos em relação à consciência, enquanto a formação de nossa civilização valoriza o contrário. Mas essa avaliação culturalmente predominante não elimina a condição natural da prioridade das pulsões. Assim, ainda que a moral predominante dê mais peso em suas práticas o medo do que a coragem, isso não elimina o papel fundante da coragem em nossa natureza, sobretudo se considerarmos nossa condição de viventes. Afinal, a vida enquanto vontade de poder se expressa muito melhor por coragem, risco e crescimento do que por medo, segurança e conservação.

A coragem, enquanto aventura e deleite no incerto, pode ser relacionada com a crítica de Zarathustra ao discurso do “consciencioso”, na medida em que esse último valoriza, além do *Furcht* (medo), o *Sicherheit*, uma vez que esse termo diz respeito tanto à certeza quanto à segurança. A vida, assim como Zarathustra a concebe e a experimenta, é muito mais *Unsicherheit*, pois é incerteza, risco e envolve até mesmo a experiência da insegurança. Zarathustra compreende que o medo faz parte da vivência humana e que a presença da coragem não depende da ausência de medo. A coragem não exclui o medo, mas o enfrenta:

Tendes coragem, ó irmãos? Sois intrépidos? Não coragem diante de testemunhas, mas coragem de eremita e de águia, que nem mesmo um deus presencia mais? Almas frias, mulas, cegos e bêbados não são intrépidos para mim. Coragem tem aquele que conhece o medo mas *vence* o medo, que vê o abismo, mas com *orgulho*.

Quem vê o abismo, mas com olhos de águia, quem com garras de águia *agarra* o abismo: esse é valente. (NIETZSCHE, 2011, p. 273, grifos do autor)

Desse modo, o afeto da coragem não é entorpecente. A embriaguez só pode ser elogiável enquanto estimulante, nunca como sonífero: uma experiência dionisíaca que se distancia de uma prática alemã e cristã. A dureza não implica frieza. É precisamente o atrito que é louvável. Sendo um sintoma da afirmação, a postura corajosa não poderia dispensar o medo, pois a vontade de poder se expressa precisamente no conflito e na superação de obstáculos, que sempre é também autossuperação. A insistência de Zarathustra na superação mostra que o que é essencial na vontade de poder não é a manutenção de uma conquista, mas o próprio processo de conquistar. Por isso o

5 Aqui aparece, em estado de crisálida, o procedimento genealógico que Nietzsche consolidará mais tarde: investigar um ente abstrato, detectando o momento e as forças que o fizeram decair quando perde determinadas valorações e se acopla a uma moral deteriorante. Assim, num debate da ordem das razões ele justifica sua tese por uma reconstituição da ordem das causas. Esse processo exige um desenvolvimento argumentativo mais elaborado, por isso a *Genealogia* é escrita como dissertação. No *Zarathustra* ele não pode desenvolver o procedimento de maneira exaustiva, assim ele aparece como um lampejo.

crescimento é mais importante do que a conservação, o excesso é anterior à falta, a guerra é avaliada como superior à paz.

Com isso, percebemos que a ontologia nietzschiana, baseada na teoria das forças, é marcadamente positiva. No campo dos valores a negação é fundamental, na medida em que ela parte da constatação de que há muito o que ser criticado, demolido, desconstruído. Mas nesse campo a afirmação não se ausenta, ela está presente tanto em posturas diretamente afirmativas, como no pensamento do eterno retorno, quanto em valorações propositivas, como a de uma ética da coragem. A diferença fundamental seria no plano ontológico, uma vez que nele, diferente do moral, a afirmação prevalece. Além do mais, eles estão em perfeita continuidade, já que a vontade de poder é tanto um princípio explicativo no âmbito cosmológico quanto uma ideia que se apresenta no plano dos valores, e cuja afirmação, assim como no eterno retorno, implica a afirmação da vida.

Integrando vontade de poder e eterno retorno, destruição e criação, o afeto da coragem elevado à condição de virtude possui o efeito crítico de negar por afirmação. Pertencendo a uma valoração alternativa à moral da compaixão, ela deriva de uma ontologia afirmativa, ao mesmo tempo em que é crítica dos valores, práticas e circulações afetivas dominantes. Assim, iniciando a abertura para novas tábuas de valores, realiza-se a crítica das velhas tábuas. Ao sentir e pensar a coragem, Zaratustra é, ao mesmo tempo, propositivo e desprezador: “Quando desprezais o agradável e o leito mole, e não podeis deitar-vos longe o bastante dos molengas: aí está a origem de vossa virtude” (NIETZSCHE, 2011, p. 73).

Considerações finais

A vida, enquanto personagem de *Assim falou Zaratustra*, se diz inconstante, selvagem e sem virtude. Zaratustra muitas vezes critica os virtuosos. Mas isso não quer dizer que ele não pense em novas virtudes. A coragem é um afeto que Zaratustra procura pôr em circulação ao elevá-lo como virtude, assim como Schopenhauer faz com o sentimento de compaixão. Mas a compaixão é sintoma de negação da vida, e a partir da constatação dessa fraqueza do adversário, Zaratustra garante que a compaixão não é pária contra a coragem. A coragem é sintoma de afirmação da vida, e é uma virtude que pode lidar com o risco e a selvageria, exatamente com as características que a vida assume em si.

Afirmar a vida envolve o risco e, por vezes, enfrentar a fronteira entre a vida e a morte. Zaratustra louva quem não se poupa. Evitar esse tipo de conservação é sintoma de uma vida exuberante, de um modo de vida transbordante, que possibilita a generosidade da virtude dadivosa. Assim, a mais elevada forma de afirmação não pode deixar de ser perigosa. A melhor demonstração desse entorno que contextualiza o conceito de eterno retorno na produção de Nietzsche se encontra no *Zaratustra*, na medida em que nesse texto o eterno retorno não é apresentado apenas como categoria teórica, mas é exposta também pela perspectiva existencial com a vivência do protagonista da trama. Zaratustra sofre imensas dificuldades para afirmar o eterno retorno, para afirmar a vida de modo integral, para realizar no âmbito prático aquilo que seus discursos manifestam durante a narrativa.

Posicionar-se contra a resignação e contra a compaixão é tarefa enfrentada e elogiada por Zaratustra. Levando em consideração que trata-se de disposições afetivas inscritas nas tábuas de valores, Zaratustra responde com um afeto que é pensado por ele como ligado a um modo de valoração elevado, pois afirmador da vida. Esse afeto é o da coragem, “o maior matador”. A coragem não existe com a ausência de medo, mas se efetiva com seu enfrentamento. Ela pode vencer o medo, a compaixão e a resignação.

A coragem guia o percurso de Zaratustra, não somente como recurso dramático da composição estética da obra, mas com uma força propriamente teórica dentro da filosofia nietzschiana. Alinhando forma e conteúdo, a coragem conciliando-se com uma série de atitudes elogiadas ou exercidas pela personagem durante suas caminhadas: ser duro como o leão, mas também inocente como a criança, e portanto cruel; desejar e criar, para não acatar tudo como o asno e o porco; enfrentar o dragão, encarando o dever e toda imposição; destruir tábuas de valores, mas também construir novas valorações; ser solitário e se encantar com a solidão; desbravar, conquistar, correr riscos; tornar-se guerreiro e amar a guerra; elogiar e buscar os inimigos, sustentar o antagonismo; não se poupar, afirmar o sofrimento; superar as resistências, autossuperar-se e se deleitar nesse processo; conhecer e emitir a sabedoria tempestuosa, geradora de raios e danos; dizer “não” às acomodações e vias facilitadas, ao pessimismo schopenhaueriano, ao espírito de peso, à tentação de negar a vida, à sedução da compaixão; mentir, sendo poeta, mas também ser verdadeiro e agir com probidade intelectual.

Referências

MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Paulo César de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das letras, 2008.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe (KSA: 15 vols.). Hrsg. von G. Colli und M. Montinari. Berlin/New York: de Gruyter, 1988.

TILLICH, P. *A coragem de ser*. Tradução de Eglê Malheiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SUAREZ, R. *Nietzsche comediante: a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

ZITTEL, C. *Das ästhetische Kalkül von Friedrich Nietzsches Also sprach Zarathustra*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2000.

Recebido em: 10/Set/2019 - **Aceito em:** 27/Fev/2020.